

TRANSTORNOS DE IMAGEM EM ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA

Bárbara Dias Freire Braga¹, Mariana Siqueira do Nascimento¹, Sanarah Zambelli Sylvestre Candido¹, Emille Colombo Dutra² - Acadêmicas do curso de Nutrição do Centro Universitário Multivix Vitória.
2- Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local - Docente do curso de Nutrição do Centro Universitário Multivix Vitória.

RESUMO

Atualmente a sociedade é bastante influenciada pelas mídias sociais, principalmente no que se refere à imagem corporal padronizada. Tal situação pode gerar problemas psicossociais e transtornos alimentares. Estudos mostram que o mesmo ocorre com estudantes do curso de nutrição, onde grande parte dos alunos idealizam a profissão com a estética corporal. O objetivo foi analisar a insatisfação corporal de acadêmicos do curso de nutrição de uma instituição de ensino superior privada de Vitória-ES. Trata-se de uma pesquisa de campo quantitativa, de corte transversal e descritiva. Participaram da pesquisa 71 indivíduos, 84,4% sexo feminino e 15,6% masculino. Ao responderem o questionário Body Shape Questionnaire (BSQ-34), 23,9% relataram algum grau de insatisfação corporal, sendo 22,5% do gênero feminino. Esses dados mostram a relação de insatisfação corporal de forma significativa e mostra que são necessárias ações de conscientização por meio de programas que visam a saúde mental e corporal do indivíduo.

Palavras Chave: transtorno de imagem, mídias sociais, nutrição, Body Shape Questionnaire, transtorno alimentar.

INTRODUÇÃO

A gordofobia, de acordo com Souza e Gonçalves (2021) foi empregada na sociedade pela teoria histórico-cultural Vygotsky, que associa a aprendizagem social do indivíduo e a psicologia com as interações sociais vividas. Na idade média, corpos cheios eram vistos como riqueza, por corresponder a uma imagem de barriga

cheia. Com o passar do tempo, a imagem de corpos magros como padrão de beleza foi ficando mais presente na história, como explica Valim (2017) na Grécia Antiga, o corpo ideal era atlético, associado à percepção de saúde e agilidade.

O surgimento da internet trouxe muita facilidade à vida humana. De acordo com o IBGE (2019) 82,7% da população possui acesso à internet no Brasil e o uso das mídias sociais tem aumentado, e influenciado o comportamento humano. Apesar da constante troca de informações, este comportamento pode gerar um vício e uma pressão em várias pessoas para se adequar a tudo que é visto, seja para compras de produtos ou manter padrões de vida. É possível que essa pressão constante do corpo “perfeito” gere problemas psicossociais e transtornos alimentares (SILVA; PIRES, 2019).

Os profissionais da área de nutrição ao pregar saúde e lidar diretamente com alimentação, servem como modelo a ser seguido e muitas vezes os indivíduos interagem com a saúde de um corpo magro. É comum notar que há uma falta de credibilidade profissional ao se deparar com o padrão fora do esperado, com isso, pode gerar aos estudantes de nutrição ou ao nutricionista uma auto cobrança sobre a aparência, acarretando problemas com a imagem corporal e podendo ocasionar em transtornos alimentares.

O presente estudo possui o objetivo de analisar a insatisfação corporal em universitários de nutrição de uma instituição de ensino superior privada e identificar possíveis transtornos alimentares, além de comparar a incidência entre os sexos e sua influência com as mídias sociais.

Como critério metodológico realizou-se uma pesquisa de campo quantitativa, de corte transversal e descritiva.

REFERENCIAL TEÓRICO

TRANSTORNO DE IMAGEM E TRANSTORNOS ALIMENTARES

A imagem corporal é caracterizada em como o indivíduo se relaciona ao seu corpo, pelo que sente, incluindo dor e sensações, dito isso, além da questão física, também está relacionada o emocional (Shilder, 1999), o que se liga ao que diz

Thompson (1996), a concepção da imagem corporal condiz a percepção da aparência física, o tamanho corporal e a satisfação sobre esses fatores, podendo levar o indivíduo a se esquivar de eventos sociais por incômodo relacionado a imagem corporal.

A ideia do “corpo ideal” é presente no atual cotidiano, uma vez que é apresentado corpos magros como o padrão estético aceito, em conjunto à isso, a mídia apresenta formas de emagrecer e atingir essa mudança corporal de forma milagrosa e rápida, seja por dietas super restritivas ou uso de fármacos, a magreza se mostra relacionada com questões de felicidade e ser socialmente aceito (Veras, 2010).

A alteração da imagem corporal pode levar o indivíduo a ir atrás de procedimentos estéticos e mudanças de hábitos alimentares, de forma exagerada, isso causa impacto no psicológico e compromete o equilíbrio sentimental e comportamental, algo comum no desenvolvimento de transtornos alimentares, uma vez que o indivíduo possui uma percepção negativa do corpo e acredita que os outros possuem a mesma visão sobre sua aparência (Veras, 2010).

Os transtornos alimentares, tais como bulimia nervosa e anorexia nervosa estão ligadas à distorção da imagem corporal como fator essencial, caracterizadas pelo medo exagerado de engordar mesmo o indivíduo estando abaixo do peso, levando o indivíduo a praticar ações que não são saudáveis com o objetivo de emagrecer, tais atos incluem a abstinência da alimentação, ou o expurgo após se alimentar, dessa forma podem gerar problemas à saúde do indivíduo (Saikali et al, 2004).

INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

A mídia influencia no padrão de vida dos indivíduos uma vez que promove regras comportamentais, de forma direta, influenciando na escolha dos produtos comprados, como agir, se vestir e aparentar (VAZ, BENNEMANN, 2014). Correlacionando com o que diz Toral (2006). A internet e a televisão é um fator que influencia na alimentação, uma vez que é televisionado propagandas de alimentos super calóricos e pobres nutricionalmente, apontados como praticidade ao cotidiano dos indivíduos, o que promove um comportamento alimentar não saudável.

Existem estudos que enfatizam a magreza como um ideal de beleza na sociedade contemporânea, em que encontramos muitas propagandas sobre produtos dietéticos, academias e regimes alimentares nas mídias sociais, fornecendo um ambiente que socialmente justifica a perda de peso como algo moderno e representando um padrão de beleza (SOUTO; FERRO-BUCHER, 2006). Entretanto, essa imagem corporal idealizada é um padrão impossível ou impróprio, incompatível para a grande maioria da população. (BITTAR; SOARES, 2020, p.291).

É constantemente apresentados nos meios midiáticos imagens de modelos e atrizes cada vez mais magras nas últimas décadas promovendo distúrbios na imagem corporal. As comparações que ocorrem em pessoas com transtornos alimentares, geram uma preocupação exagerada com o padrão visual, levando à atitudes a fim de perder peso de formas não saudáveis, como a privação de alimentos ou o expurgo pós alimentação (Stice, 2002).

É de extrema importância que o desenvolvimento desses transtornos seja evitado. A nutrição e a prática das atividades físicas possuem relevância cada vez maior na população brasileira, a mídia e os demais meios de comunicação aumentam sua influência e impacto na vida social do indivíduo, criando, repostando e tendo uma propagação, de uma maneira viral, na circulação da definição de padrões de beleza ideal, deixando em aberto a possibilidade de distorção visual por seu corpo, podendo levar a comportamentos autodestrutivos de maneira física e mental (BALLONE, 2006).

INSATISFAÇÃO CORPORAL EM UNIVERSITÁRIOS

A insatisfação corporal é um componente comportamental da imagem corporal e pode ser assimilado como uma situação negativa que a pessoa faz em relação a sua fisionomia. As práticas vivenciadas pelo indivíduo criam um referencial do seu corpo, gerando uma representação reconstruída ao longo da vida. (MIRANDA et al. 2012).

Segundo Alvarenga et al. (2010), existem pesquisas atualmente que mostram uma insatisfação maior com a imagem corporal naqueles que estão mais aptos ao excesso de peso, analisando o índice de massa corporal (IMC). Estudos também mostram uma angústia em pessoas com estado nutricional adequado,

especialmente em universitários do sexo feminino.

Resultados de estudos mostram que a insatisfação corporal está em evidência nos jovens do curso de educação física, nutrição, psicologia e enfermagem, sendo maior em nutrição com 40,4%. Esse estudo valida um desagrado maior nesses jovens em cursos ligados à saúde pelo fato de tratarem de várias questões vinculadas ao corpo humano. (BOSI et al. 2006).

Sabemos que existem outras variáveis comportamentais que são relacionadas à imagem corporal e que podem desencadear a insatisfação que sentem com seu corpo. A influência da mídia, familiares e amigos, depressão, alimentação e auto estima são alguns fatores que podem influenciar o indivíduo desde a adolescência sobre a forma de ver seu corpo e assim, gerar resultados negativos atualmente. Os profissionais da saúde são cruciais em orientar esses jovens com ações saudáveis que possam deixá-los realizados com sua imagem corporal. (MIRANDA et al. 2012).

ESTIGMA DE PESO

Entendemos o estigma de peso o que se define como diferente do padrão corporal para a sociedade, como por exemplo, estilo de vida, estereótipos, hábitos e comportamento psíquico. Estudos científicos comprovam que o tamanho do corpo não está relacionado à uma boa saúde ou a uma doença. Desta forma, o indivíduo é rotulado pela sua imagem corporal por julgamento e preconceitos. Não se trata sobre romantizar a obesidade, todavia é necessário ir contra o preconceito e promover saúde, sem julgamentos (ZANARDI, 2022), garantindo um acompanhamento humanizado por uma equipe da área de saúde.

A sociedade ocidental apresenta a magreza e a representação de pessoas com excesso de peso na mídia, como valores culturais criando condições para a internalização do preconceito, contribuindo para um ambiente em que encontramos fatores para o estigma de peso. A responsabilidade individual por sua saúde concebe o processo de aumento de massa corporal, que por muitas vezes resulta na culpabilização configurada pelo estigma de peso (PEREGALLI-POLITI, 2018).

Com o objetivo de alterar comportamentos que não são saudáveis e acrescentar melhorias à saúde desses indivíduos, é notável que a pressão para manter um peso baixo e corpos magros, acaba se tornando uma ferramenta de controle social prevalecendo a responsabilização que o indivíduo pressupõe pelo seu excesso de peso. Em alguns casos temos um efeito reverso que ocasiona elevação dos índices de obesidade acompanhado de baixa autoestima, ansiedade, compulsão alimentar, suscetibilidade à depressão e menos exercícios físicos. Essas causas dificultam a procura por um atendimento profissional e acabam internalizando o preconceito (OBARA; VIVOLO; ALVARENGA, 2018).

Observamos o quanto o excesso de peso resulta em graves danos como físico e psicossocial àqueles estigmatizados que estão relacionados à obesidade. Trata-se de um problema grave ao que se diz respeito à saúde pública, uma vez que envolve o risco do aumento de doenças e problemas psicossociais, podendo gerar dessa forma transtornos alimentares, tais como anorexia, bulimia e compulsões alimentares. (OBARA; VIVOLO; ALVARENGA, 2018) agravados pela discriminação justificado por conceito imposto pela sociedade.

TRATAMENTO MULTIDISCIPLINAR DOS TRANSTORNOS DE IMAGEM EALIMENTARES

Precisamos identificar na consulta com o paciente os relatos sobre sua relação com os alimentos e sua imagem corporal. Para isso, o profissional atento a esses relatos torna-se perspicaz na anamnese buscando obter as maiores condições de informações que poderá diagnosticar o transtorno alimentar (TA). A partir do diagnóstico, o profissional deve orientar adequadamente o paciente sobre como é importante uma boa alimentação e quais os impactos no corpo o TA podem causar. “O paciente precisa sentir-se seguro com o nutricionista, a ponto de permitir intervenções e alterações na relação paciente/alimento” (LEITE; DINIZ, 2020).

Dessa forma, o profissional orienta o paciente a procurar outras ajudas profissionais da área da saúde para compor uma equipe de apoio junto ao nutricionista, como por exemplo, um psiquiatra, um psicólogo e um clínico para o tratamento do transtorno alimentar e, atuando conjuntamente, estruturando uma equipe multiprofissional (APPOLINÁRIO; CLAUDINO, 2000).

A atuação de uma equipe interdisciplinar torna-se fundamental, na medida em que participa, analisa e integra conhecimentos específicos de diversas áreas com o objetivo comum de promover e manter a saúde, a troca de conhecimentos facilita a atuação de cada elemento do grupo e através de uma linguagem comum às áreas envolvidas, é estabelecido um intercâmbio profissional nas interfaces do saber, ou seja, na interseção dos conhecimentos de uma e outra (ou outras) área. Cada ator desempenha suas funções específicas dentro de um planejamento conjunto da equipe, com co-responsabilidade no processo de decisão. (SHINKAI; DEL BEL CURY, 2000, p. 1100)

Esses multiprofissionais, com a avaliação do nutricionista, serão capazes por meio de um acompanhamento alimentar para tratar essas doenças, devolvendo um estilo de vida saudável, retomado pela a alimentação saudável. A equipe trabalha junto no objetivo de modificar o comportamento relacionado à alimentação e ao peso do indivíduo, este monitoramento consiste num processo de terapia nutricional do estado e o tratamento em si (LEITE; DINIZ, 2020).

O Transtorno alimentar e o transtorno de imagem tem possibilidade de cura, basta um tratamento correto junto ao nutricionista e este, sendo empático ao estado nutricional do paciente, com paciência e valorizando a cada consulta suas conquistas e, quando necessário ser flexível, quando ocorrer falha da conduta e tratamento do paciente. Reeducando seus comportamentos alimentares, trabalhando com estratégias colaborativas e terapêuticas ao paciente. Contudo, sempre alinhar o trabalho em equipe em prol da melhoria e qualidade de vida do paciente traçando a melhoria com a comida e com sua autoimagem (SAIKALI, 2004).

METODOLOGIA

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura nas bases de dados Scielo, PsiquWeb, Isi, ISI, ConScientiae Saúde, doi.org e Ministério da Comunicação no período entre 1996 e 2021. As palavras chave utilizadas foram transtorno, imagem, nutrição e alimentar e suas correspondentes em inglês "disorder", "image", "nutrition" e "feed". Foram critérios de exclusão artigos antes de 1996.

Trata-se de uma pesquisa de campo de corte transversal, descritiva, que teve como foco uma análise quantitativa. Participaram da pesquisa estudantes de ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 50 anos, matriculados no curso de Nutrição de uma Instituição de Ensino Superior Particular, localizada no município de Vitória-ES.

A coleta de dados para o estudo foi feita por meio da aplicação de um questionário para investigar a ocorrência de distúrbios de imagem através da auto avaliação corporal: o Body Shape Questionnaire (BSQ-34).

Para análise inicial da amostra foram coletadas informações sociodemográficas, como idade e gênero dos indivíduos, para ser possível caracterizar o público em estudo, além de perguntas sobre a influência das mídias relacionado a percepção corporal e se a escolha do curso há uma relação com a melhora com a visão corporal.

Para o questionário Body Shape Questionnaire (BSQ-34), validado por Cooper et. al (1987), as informações recolhidas a partir das 34 questões foram categorizadas com base no Quadro 1, como critério para classificação do nível de preocupação em relação à imagem corporal dos indivíduos participantes da pesquisa.

Para o BSQ-34, havia as seguintes opções de respostas: sempre (6 pontos), muito frequentemente (5 pontos), frequentemente (4 pontos), às vezes (3 pontos), raramente (2 pontos) e nunca (1 ponto). Os pontos eram somados de acordo com cada resposta.

Quadro 1 - Classificação quanto a pontuação para insatisfação corporal
(Questionário BSQ-34)

PONTUAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO DE ACORDO COM PONTUAÇÃO
┌ 110 pontos	Satisfação
110 pontos ┌ 138	Insatisfação leve
138 ┌ 167	Insatisfação moderada
┌ 167	Insatisfação grave

Fonte: Cordás e Castilho

Para apresentação dos resultados, os dados foram analisados no Microsoft Excel e apresentados em forma de gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram avaliados 71 estudantes, dos quais 84,4% (n=60) eram do sexo feminino e 15,6% (n=11) do sexo masculino, sendo idade mínima 18 anos e idade máxima de 50 anos, conforme demonstrado na Tabela 1.

Os resultados para a pergunta “As mídias sociais já te fizeram sentir mal com o corpo?”, foram obtidas respostas positivas em 80,3% (n=57) e negativas em 19,7% (n=14), dados apresentados no Gráfico 1. Ao separar por gênero, obteve-se 72% (n=51) de respostas sim e 13,5% (n=9) de não, do público feminino, e 8,4% (n=6) de sim e 7% (n=5) de não de respostas masculinas (Tabela 2).

Tabela 1 - Características sociodemográficas de acordo com sexo e idade

Indicadores	Frequência	Porcentagem
Sexo	N	%
Feminino	60	84,5
Masculino	11	15,5
Total	71	100
Faixa etária	N	%
18 a 24	49	69
25 a 30	15	21,2
31 a 40	5	7
>40	2	2,8
Total	71	100

Gráfico 1- Resultado geral da pergunta “As mídias sociais já te fizeram sentir mal com o corpo?”

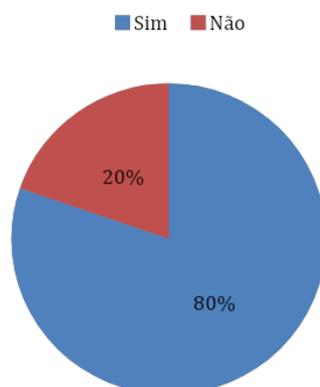


Tabela 2- Resultados da relação da insatisfação corporal e mídias sociais separado por sexo.

Respostas	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
Sim	51	72	6	8,4
Não	9	13,5	5	7,1
Total	60	85,5	11	15,5

Os resultados para a pergunta “A escolha do curso de nutrição foi influenciada por questões de melhora com sua visão corporal?”, foram obtidas respostas positivas em 33,8% (n=24) e negativas 66,2% (n=47) do total de participantes, descritos no Gráfico 2, sendo respostas femininas 31% (n=22) de sim e 53,5% (n=38) de não, e respostas masculinas 2,8% (n=2) de sim e 12,6% (n=9) de não (Tabela 3).

Gráfico 2- Resultado geral da pergunta “A escolha do curso de nutrição foi influenciada por questões de melhora com sua visão corporal?”

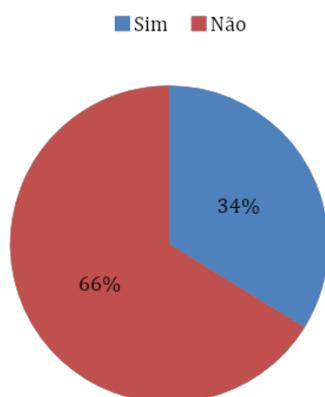


Tabela 3- Resultados da relação da melhora corporal com a escolha do curso separado por sexo.

Respostas	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
Sim	24	31	2	2,8
Não	47	53,5	9	12,6
Total	60	85,5	11	15,5

Para os resultados obtidos pelo Questionário BSQ-34, a pontuação mínima foi de 40 e máxima de 175 pontos, onde 22,5% (n=16) do sexo feminino e 1,4% (n=1) do sexo masculino demonstraram algum grau de insatisfação em relação à imagem corporal, dados apresentados na Tabela 4.

Tabela 4- Classificação do questionário BSQ-34

Indicadores	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
Classificação				
Satisfação	44	73,3	10	90,9
Insatisfação	16	26,7	1	9,1
Total	60	100	11	100

Ao analisar os resultados obtidos com as perguntas específicas e os dados obtidos com o questionário, evidenciou-se que 80,3% dos estudantes já se sentiram negativos e desproporcionais em relação ao corpo após comparações com pessoas demonstradas em mídias sociais.

Ao que se diz respeito a pergunta relacionada com a influência da visão corporal e escolha do curso, apenas 33,8% dos estudantes fizeram essa ligação.

Os resultados do questionário BSQ-34 relataram um grau de insatisfação corporal em 23,9% (n=17) dos estudantes de nutrição, com atitudes alimentares inadequadas que podem levar ao desenvolvimento de transtornos alimentares.

No que diz respeito às informações adquiridas quanto à variável de sexo, em referência aos questionários utilizados na pesquisa, não houve significância, uma vez que o maior público de pesquisa englobou o sexo feminino (84,4%).

De acordo com um estudo realizado em estudantes do gênero feminino da área da saúde, englobando o curso de nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no período 2003-2004, 59,6% não apresentaram distorção da auto-imagem corporal, no entanto 6,2% possuíam distorção grave, visando que a maioria dos resultados relacionados a uma boa percepção corporal eram de eutróficas (Bosi et al., 2006).

Moreira et al. (2017) aplicaram uma pesquisa em alunos de ambos os sexos, graduandos dos cursos de nutrição e administração de um centro universitário em Fortaleza, seus resultados constataram que entre os estudantes de nutrição, 24 alunos (25%) apresentaram algum grau de risco em relação a insatisfação corporal, todavia os de administração resultou em 13 alunos (14,6%) insatisfeitos.

Diante disso, Legnani et al. (2012) aplicaram em estudantes de educação física os questionários BSQ-34 e EAT-26, que apresentaram nos resultados de sua pesquisa, uma provável ocorrência de distúrbios alimentares em 7,3% da amostra, sendo de 4,3% no público masculino e 9,84% no feminino, além disso, 8,3% do público geral (11,6% das mulheres e 4,3% dos homens) foram identificados distorção da imagem corporal.

De acordo com uma pesquisa sobre a influência da mídia em universitárias da área da saúde em diversas regiões do Brasil, constatou-se que o público mais influenciado com os padrões das mídias são mulheres mais novas e com excesso de peso, apresentando aceitação ideais estéticos irrealistas. Uma vez que a mídia estigmatiza o sobrepeso como algo pejorativo, sendo associado à uma imagem de “preguiça” e constantemente demonstrando que o corpo esteticamente aceito é magro (Alvarenga et al., 2010).

Perante isso, o estigma de peso e o medo de engordar são aspectos primordiais para o desenvolvimento de transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, ocasionando em restrições alimentares e dietas restritivas, além de comportamentos compensatórios no intuito de manter um baixo peso (Appolinário, Claudino, 2000).

Garcia et al. (2010) comprovaram que pessoas com desagrado corporal, mostraram um risco a mais de ter transtornos alimentares ligados a alimentações inadequadas, quando comparados aos que tinham satisfação com a imagem corporal.

Nesse panorama, um estudo mostrou que os fatores de risco para desenvolver o Transtorno Alimentar em estudantes de universidades, têm como principais: insatisfação corporal, ser mulher, excesso de peso, cursar nutrição ou educação física e alimentação inadequada. Esses casos citados devem ser um alerta (NUNES et al., 2017).

O termo peso pode fazer parte das questões de aceitação, mas ele é apenas um dos pontos dessa discussão, envolvendo outros casos como cor da pele, deficiência física, entre outros. (DE SOUSA ARRUDA, 2020).

Segundo JIMENEZ (2018), essa cobrança é ainda mais preocupante quando se trata de pessoas acima do peso. Por isso, na tentativa de conquistar corpos dentro de um padrão físico, os indivíduos constroem relações de poder, de forma a competirem para alcançar a “beleza ideal”.

Dessa forma, com levantamento de resultados e informações da literatura é possível perceber que a preocupação corporal está presente e é preocupante entre

os universitários da área da saúde, ao que diz respeito ao curso nutrição, há a pressão das mídias e da sociedade associando a imagem corporal do nutricionista ao profissionalismo, o que pode gerar problemas sociais e ocasionar possíveis transtornos alimentares.

CONCLUSÃO

Os resultados encontrados neste estudo evidenciaram que a pressão da mídia e a relação profissional dos nutricionistas com a imagem corporal é muito presente, qualquer grau de insatisfação tem relevância, uma vez que pode gerar distúrbios na saúde desses profissionais. A insatisfação corporal e o medo de engordar são gatilhos para o desenvolvimento de transtornos alimentares, associados à uma preocupação excessiva com o ganho de peso e com a alimentação.

O maior público a escolher o curso de nutrição é o feminino, desta forma, é necessário mais estudos sobre o público masculino, com o intuito de identificar com mais objetividade o grau de insatisfação.

A insatisfação corporal dos estudantes de nutrição pode ser interligada à imagem de que corpos magros significam saúde, ao trabalhar diretamente com alimentação e promoção da saúde, pode haver uma auto desvalorização ao promover a estética como condição para o sucesso na vida profissional.

REFERÊNCIAS

Alvarenga MS, Philippi ST, Lourenço BH, Sato PM, Scagliusi FB. **Insatisfação como imagem corporal em universitárias brasileiras.** J Bras Psiquiatr. 2010;59(1):44-51.

APPOLINÁRIO, José Carlos e CLAUDINO, Angélica M. **Transtornos alimentares.** **Brazilian Journal of Psychiatry** [online]. 2000, v. 22, suppl 2 [Acessado 31 Outubro

2022] , pp. 28-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600008>>. Epub 24 Jan 2001. ISSN1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600008>.

AZEVEDO, A.M.P; CAMINHA, I.O. **Estetização da saúde e dismorfia muscular: concepções sociais do corpo**. *ConScientiae Saúde*, v.10, n.3,p.530-538, 2011

BALLONE, GJ - **Transtornos Alimentares**, in. *PsiquWeb*, Internet. 2016. disponível em: < <http://www.psiqweb.med.br/>>, acesso em jun 2017.

BITTAR, Carime e SOARES, Amanda. **Mídia e comportamento alimentar na adolescência**. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* [online]. 2020, v. 28, n.1 [Acessado 31 Maio 2022] , pp. 291-308. Disponível em:

<<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1920>>. Epub 14 Fev 2020. ISSN 2526-8910. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1920>.

BOSI, MLM, Luiz RR, Morgado CMC, Costa MLS, Carvalho RJ. **Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Riode Janeiro**. *J Bras Psiquiatr*. 2006;55(2):108-13.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães et al. **Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* [online]. 2006, v. 55, n. 2 [Acessado 31 Outubro 2022] , pp.108-113. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0047-20852006000200003>>.

Epub 05 Nov 2007. ISSN 1982-0208.
<https://doi.org/10.1590/S0047-20852006000200003>.

BRASIL, Ministério da comunicação. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet**, 2021 (acesso em 15 de junho de 2022, <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet#:~:text=Em%202019%2C%20entre%20as>

%20183,estudantes%20(75%2C8%25)

CRUZ DA SILVA SOUZA, V.; PERES GONÇALVES, J. **Relações entre gordofobia e teoria Histórico-Cultural: interfaces com a educação**. *Itinerarius Reflectionis*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 01–18, 2021. DOI: 10.5216/rir.v17i2.58997. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/rir/article/view/58997>. Acesso em: 4 nov. 2022.

DE SOUSA ARRUDA, Agnes; MIKLOS, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **LÍBERO**, n. 46, p. 111-126, 2020.

GARCIA, Cynthia Analía; CASTRO, Tereza Gontijo; SOARES, Rafael Marques. Comportamento Alimentar e imagem corporal entre estudantes de Nutrição de uma universidade pública de Porto Alegre-RS. **Clinical & Biomedical Research**, v. 30, n.3, 2010.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020.

LEGNANI, Rosimeide Francisco Santos et al. **Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física**. Motriz: Revista de Educação Física[online]. 2012, v. 18, n. 1 [Acessado 31 Outubro 2022] , pp. 84-91. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000100009>>. Epub 27 Abr 2012. ISSN 1980-6574. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000100009>.

LEITE, Renata Patrícia pinheiro; DINIZ, Thaís Magalhães. **O papel da nutrição comportamental no tratamento dos transtornos alimentares e na distorção da imagem**. UNICEPLAC, Brasília-DF, 2020.

MIRANDA, Valter Paulo Neves et al. **Insatisfação corporal em universitários de diferentes áreas de conhecimento**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 61, p. 25-32,2012.

MOREIRA, Daiane Evangelho et al. Transtornos alimentares, percepção da imagem corporal e estado nutricional: estudo comparativo entre estudantes de Nutrição e Administração. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição-RASBRAN**, v. 8, n. 1, p. 18-25, 2017.

NUNES, Livia Garcia; SANTOS, Mariana Cristina Silva; SOUZA, Anelise Andrade. Fatores de risco associados ao desenvolvimento de bulimia e anorexia nervosa em estudantes universitários: uma revisão integrativa. **HU Revista**, v. 43, n. 1, 2017.

OBARA, Angélica Almeida; VIVOLO, Sandra Roberta Gouvea Ferreira; ALVARENGA, Marle dos Santos. Preconceito relacionado ao peso na conduta nutricional: um estudo com estudantes de nutrição. **Caderno de Saúde Pública**, v.34, n. 8, p. 14, 2018.

PAULA, S.S.F.; VIEBIG, R.F. Risco de dismorfia muscular em frequentadores de academias do centro de São Paulo. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v.10, n.57, p.142-148, 2016.

PEREGALLI-POLITI, Santiago. Viés de peso e estigma de peso no sistema de saúde: caso hipotético. **Rev. Bioética y Derecho**, Barcelona, n. 44, pág. 135-147, 2018. Disponível em

<http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1886-58872018000300010&lng=es&nrm=iso>. acedido em 07 nov. 2022.

SAIKALI, Carolina Jabur et al. **Imagem corporal nos transtornos alimentares**.

Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2004, v. 31, n. 4 [Acessado 4 Novembro 2022] , pp. 164-166. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400006>>. Epub 03 Dez 2004. ISSN1806-938X. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000400006>.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*/ Paul Schilder:trad. Rosanne Wertman: revisão técnica Núbio Negrão - 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SHINKAI, R. S. A., & DEL BEL CURY, A. A. . O papel da odontologia na equipe interdisciplinar: Contribuindo para a atenção integral ao idoso. Caderno de

Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.16, n.4, p.1099-1109, 2000.

SOUTO, Silvana e FERRO-BUCHER, Júlia Sursis Nobre. Práticas indiscriminadas de dietas de emagrecimento e o desenvolvimento de transtornos alimentares.

Revista de Nutrição [online]. 2006, v. 19, n. 6 [Acessado 31 Maio 2022] , pp. 693-704. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-52732006000600006>>.Epub 02 Mar 2007. ISSN 1678-9865. <https://doi.org/10.1590/S1415-52732006000600006>.

STICE, Eric. Sociocultural influences on body image and eating disturbance.

Eating disorders and obesity: A comprehensive handbook, v. 2, p. 103-107, 2002.

THOMPSON, J. K. - *Body Image, Eating Disorders and Obesity*. Washington D.C.:American Psychological Association, 1996.

TORAL N. **Estágios de mudanças do comportamento e sua relação com o consumo alimentar de adolescentes[dissertação]**. Programa de Pós Graduação em Saúde Pública: Faculdade de Saúde Pública; 2006.

VALIM, C. C. Moda plus size em governamentalidade: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. Maringá 2017.

Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

VAZ, D. S. S.; BENNEMANN, R. S. Comportamento alimentar e hábito alimentar: uma revisão. **Revista UNINGÁ Review**, v. 20, n. 1, p. 108-112, 2014.

VERAS, Aimorá L. Laus. Desenvolvimento e construção da imagem corporal na atualidade: um olhar cognitivo- comportamental. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 6, n. 2, p. 94-117, dez. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2022.

ZANARDI, Ana Paula. O estigma do peso. Instituto de Pesquisa do Comportamento Alimentar de Curitiba. Curitiba - PR, 2022. Disponível em <<https://ipcac.com.br/o-estigma-do-peso/>>. Acesso em: 07 nov. 2022.